

DIAS, C. A. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/286/253>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

Essa resenha aborda os avanços da comunicação, apontando de maneira cronológica cada etapa de sua transformação, a partir das ideias de Cláudia Augusto Dias expressas no artigo: “Hipertexto: evoluções históricas e efeitos sociais”. Este faz uma trajetória da comunicação oral e interativa, em que o homem era o suporte responsável por transmitir as informações, englobando posteriormente a comunicação escrita, que era baseada em textos lineares, com o uso de alfabetos para sua construção, até a chegada, conseqüentemente, do hipertexto. Importante considerarmos que a comunicação escrita não substituiu a oralidade, mas sim aliou-se a esta, abrindo caminho para novas formas de interação.

Com o surgimento da escrita, na Mesopotâmia, a autora ressalta que as informações passaram a ser transmitidas por pessoas que viveram e estavam em épocas e lugares diferentes do qual recebiam a informação. Tal perspectiva varia da comunicação oral, na medida em que nesta os indivíduos precisam estar no mesmo momento e local de partilha informacional, disseminando seus pensamentos através de rituais, danças, músicas, dramatização, dentre outros. Após a passagem da comunicação oral para a escrita, houve também a revolução da imprensa e dos computadores, as quais serão tratadas nesta análise textual.

Por meio da escrita e com o nascimento dos Estados, os manuscritos começaram a ter destaque nas áreas administrativas. A partir da evolução dos alfabetos e dos suportes de informação, o papiro, o pergaminho e o papel consolidaram-se como extensão da memória humana, fazendo com que o homem passasse a ser suporte de maneira indireta. Neste andamento, a perspectiva da imprensa propõe uma nova revolução a se iniciar, imprimindo mudanças na forma de estruturação do texto e na quantidade de exemplares a serem desenvolvidos. Sendo assim, o Livro Moderno já apresentava características relacionadas a tal, ou seja, com a hipertextualidade a ser focada pela não linearidade e pelas interrelações linguísticas, o que permitia uma maior flexibilidade no como manusear e manter contato com um recurso em questão.

A proposta de criação da Roda de Leitura, de Agostino Ramelli, associa-se aos primórdios do hipertexto. Porém, em nossas discussões existiram divergências em relação ao grau de “utilidade” desta roda, contando que, inicialmente, alguns integrantes do grupo acreditavam que sua função era meramente técnica, pois o indivíduo tinha o trabalho de escolher os livros que se enquadravam em uma mesma temática para serem usados ao mesmo tempo, além de selecionar as páginas, ou seja, neste pressuposto os primórdios do hipertexto foram instrumentais. Mas, ao aprofundarmos nossa reflexão, percebemos que sobreposta àquela permanecia a ideia de intertextualidade entre as partes destes livros, o que nos fez entender que o que compunha tal roda

era nível instrumental aliado ao intertextual, que permitia a simultaneidade textual. Portanto, este invento forneceu base para posteriores avanços no âmbito do hipertexto.

Com a eletricidade, a maquinaria passa por avanços que permeiam suportes compatíveis com uma maior agilidade no processo comunicativo. Em 1945, Vannevar Bush descreve uma máquina chamada Memex, capaz de proporcionar o acesso rápido e não linear a diversas unidades individuais de informação multimídia, relacionadas por meio de ligações destinadas aos assuntos. Deste modo, para Shneiderman e Kearsley, essa ideia tratava do elemento mais importante do hipertexto: os links entre os documentos, o que nos fez refletir sobre os links expostos na Wikipedia.

Em 1965, Theodore Nelson criou o projeto Xanadu, denominadamente “hipertexto”, cuja proposta era implantar uma rede de publicações eletrônicas, instantâneas e universais. Destaca-se que seu pensamento estava interligado com a perspectiva da leitura/escrita não linear em sistemas informatizados.

Os sistemas de editoração passam a ganhar espaço. Nesse contexto, surge o Augment, que permitiu linkagens entre diferentes arquivos e o compartilhamento de diversas janelas (controladas pelos usuários), facilitando o trabalho colaborativo na interação entre o homem e a máquina. Importante ressaltar que esse sistema restringia-se às grandes corporações, órgãos governamentais e centros de pesquisa.

Na década de 70, a IBM desenvolveu um dispositivo de armazenagem de informações em meio relativamente móvel, visando substituir à fita magnética a medida do disquete. Este dispositivo teve grande destaque na microinformática, dando base ao nascimento do chip eletrônico, que auxiliou na expansão da informática nas indústrias e robóticas, sendo importante nos serviços de transações bancárias.

Nestas perspectivas, infere-se que a informática ajuda o homem de maneira indireta, já que a interface homem-máquina estagia pelos contatos advindos da relação entre um sujeito, que passou pela informação escrita, gozou do conteúdo tipográfico e desencadeou-se no contato eletrônico através de um suporte computadorizado.

No final da década de 70, a Apple e a IBM desenvolve algo que expandira seu raio de ação, dos centros de processamento de dados para as mesas dos escritórios. Pois bem, estamos nos referindo ao lançamento dos computadores pessoais. Que apartir desse momento surge o primeiro videodisco hipermídia* Aspen Movie Map, desenvolvido por Andy Lippman do MIT Architecture Machine Group, e o software de processamento de textos Wordstar.

- hipermídia é o conjunto de meios que permite acesso simultâneo a textos, imagens e sons de modo interativo e não linear, possibilitando fazer links entre elementos de mídia, controlar a própria navegação e, até, extrair textos, imagens e sons cuja sequencia constituirá uma versão pessoal desenvolvida pelo usuário.

- processador de texto é um programa usado para escrever no computador. Com ele, é possível criar desde documentos simples até arquivos profissionais, que são mais complexos, tais como: fax, cartas, currículos, ofícios, procurações e apostilas.

Um processador de texto é essencialmente um programa que simula o funcionamento de uma máquina de escrever, mas com recursos que facilitam e agilizam a produção, edição e finalização de texto.

Um exemplo de software para processamento de textos é o WordPerct que é um aplicativo de processamento de textos, é propriedade da empresa de software Corel Corporation, que alcançou sua popularidade máxima do final dos anos 1980 ao início dos anos 1990. Durante

muitos anos foi considerado programa padrão de seu setor, mas logo seria eclipsado, tanto em vendas como em popularidade, pelo Microsoft Word.

Esse programa chegou a estar disponível para uma ampla variedade de computadores e sistemas operacionais, incluindo DOS, Windows, Mac OS, Linux, Apples II, as versões mais populares de Unix, VMS, Data General, System/370, AmigaOS e Arari ST.

Na década de 80, a informática expandiu-se em interfaces mais amigáveis. Com o auxílio do mouse e da internet inventa-se o conceito de interatividade, que passa a existir na concepção de que um click especifica ações humanas intuitivas, nas quais a relação do homem com a máquina ganha contornos finos. Acreditamos que a linha que separa o humano do digital começa a ser tênue a partir deste momento, já que nesta época o hipertexto ganha uma vertente fortemente comercial à proporção que surgem novos sistemas de hipertextuais, como o TIES, KMS, Notecard e Hipercard. Foi ainda nesta década que o mundo acadêmico é presenteado com a primeira tese PHD sobre Hipertexto. O nascimento da WEB, em 1989, consolida-o como ferramenta intermediadora de textos às imagens e a sons.

Na década de 90, os estudiosos focaram as atenções no desenvolvimento de linguagens computacionais, como o HTML. A internet, antes disponível para a minoria da sociedade, começou a se popularizar, deixando de ser restrita apenas à área acadêmica. Neste momento, os sistemas de hipertexto não eram tão abrangentes como são hoje, mas destacavam-se nas enciclopédias de hipermídia, que passaram a ser vendidas em larga escala.

Atualmente, com o avanço da internet nos variados fluxos informacionais, a Web está se desenvolvendo bastante em relação à hipertextualidade no meio digital, o que fez com que Dias (1999) ressaltasse em seu artigo o pensamento da não linearidade do sistema hipertexto, lembrando-nos de que as novas tecnologias apenas disseminam e potencializam a hipertextualidade, já que esta surgiu como “nome próprio” a partir da imprensa. Entretanto, não é apenas com o desenvolvimento da imprensa e das tecnologias atuais que presenciamos o hipertexto, pois acreditamos que os livros mais rudimentares possíveis apresentavam características daquele em seu todo.

Neste sentido, tudo é uma questão de nomeação. A técnica de uma nova tecnologia não exclui o suporte anterior, apenas contextualiza-o e transforma certas utilidades antes indisponíveis ou impossibilitadas de serem colocadas em uso em contato direto com o cenário “evolutivo” em que está situado.

Sob a ótica dos meios de comunicação de massa, a autora ressalta a unilateralidade informacional, pois esta caminha do meio de comunicação para o indivíduo. Contudo, a perspectiva do hipertexto em meio digital recria esta relação, na medida em que permite maior interatividade, havendo a grande possibilidade do surgimento do senso crítico no indivíduo, pois este passa a ter a possibilidade de ver um vídeo enquanto comenta em um blog, por exemplo. .

Percebemos, desta maneira, que toda a trajetória perpetuada nesta resenha ressalta as vantagens educacionais do hipertexto que, de certo modo, já estava presente em nossas vidas antes mesmo do surgimento da Internet e das tecnologias mecânicas, já que estas nunca buscaram substituir o livro, mas aliar-se a ele, como mencionado anteriormente. Em contraponto, a desvantagem hipertextual destacada é a possibilidade do indivíduo imaturo à tecnologia presencial se perder em meio a tantos links.